

PROJETO CIDADE QUE EDUCA

O início de um processo na Vila São José em São Carlos

CIDADE QUE EDUCA PROJECT
The beginning of a process in Vila São José in São Carlos

**Amanda Saba Ruggiero¹, Renata Bovo Peres²,
Carolina Akemi Martins Morita Nakahara³,
Guilherme Alves de Souza⁴ e Manuela Gaio Filla⁵**

Resumo

Este trabalho descreve a implementação do Projeto Cidade que Educa na Vila São José, em São Carlos, um esforço colaborativo entre USP, UFSCar e comunidade que emergiu de demandas locais. O projeto evoluiu por meio de oficinas de escuta comunitária, que identificaram a necessidade de qualificar espaços públicos. As intervenções foram estruturadas em torno dos acessos escolares, visando melhorias com ações de baixo custo e rápida execução, priorizando a participação comunitária. O conceito central do projeto é a Cidade Educadora, que postula a cidade como um agente pedagógico intencional, focado na formação para e pela cidadania, reforçando a participação popular e o controle social da cidade. Oficinas criativas e poéticas com alunos e comunidade foram desenvolvidas com o objetivo de promover a participação nas transformações do espaço urbano. Apesar dos desafios para realização das intervenções, o projeto demonstrou potencial transformador e está atualmente em expansão para outras regiões da cidade.

Palavras-chave: Cidade Educadora, espaços públicos, participação comunitária, extensão.

Abstract

This work describes the implementation of the Cidade que Educa Project in Vila São José, São Carlos, a collaborative effort between USP, UFSCar, and the community that emerged from local demands. The project evolved through community listening workshops, which identified the need to qualify public spaces. The interventions were structured around school accesses, aiming for improvements with low-cost and quick-to-implement actions, prioritizing community participation. The central concept of the project is the Educating City, which posits the city as an intentional pedagogical agent, focused on training for and through citizenship, reinforcing popular participation and social control of the city. Creative and poetic workshops with students and the community were developed with the objective of promoting participation in the transformations of the urban space. Despite the challenges in carrying out the interventions, the project

demonstrated transformative potential and is currently expanding to other regions of the city.

Keywords: Educating City, public space, community participation, extension.

Como começou o projeto

O projeto Cidade que Educa iniciou suas atividades a partir das demandas apresentadas pela comunidade de moradores da região da Vila São José, na cidade de São Carlos. A solicitação inicial que motivou a busca pela Universidade de São Paulo e pela Universidade Federal de São Carlos como parceiras dizia respeito, sobretudo, ao desenvolvimento do desenho de uma pista de caminhada. Entretanto, ao longo de diversas oficinas de escuta comunitária, emergiram novas necessidades, relacionadas à qualificação dos espaços públicos, ao fortalecimento da mobilidade ativa e à valorização de práticas de lazer e convivência. Essas demandas estavam concentradas em uma área estratégica, marcada pela presença de diversas praças, escolas públicas, Unidade Básica de Saúde, equipamentos esportivos e comunitários (Fig. 1).

Desde o ano de 2010, representantes do bairro Vila São José e de suas adjacências vêm implementando ações coletivas voltadas à melhorias de espaços públicos e da mobilidade urbana, gerando impactos positivos na saúde, na segurança e na qualidade de vida dos moradores. O grupo de moradores do bairro assumiu, inclusive, a conservação das duas praças localizadas no entorno da UBS-Bombeiros, entre as ruas Equador, Argentina e Av. Araraquara, amplamente utilizadas pela população local. Nesse contexto, após ouvir a comunidade e compreender as dinâmicas do território, o projeto estabeleceu como diretrizes o desenvolvimento de ações que conjugam planejamento com intervenções de menor escala, menor custo e rápida execução. Essas ações pontuais têm como objetivo demonstrar o potencial de transformações mais amplas e de longo prazo. Entre elas, destacam-se o planejamento para a melhoria dos acessos às escolas, o desenho de nichos de convivência e a criação de um circuito de caminhada que favoreça a promoção da saúde pública. Além disso, incluiu-se a elaboração e o desenvolvimento de ações educativas voltadas ao engajamento comunitário, como o propósito de fortalecer o senso de pertencimento e identidade, ampliando os cuidados com o espaço público, as praças e as áreas de convívio.

Sobre o lugar

O município de São Carlos localiza-se no interior do Estado de São Paulo, a 234 km da capital do estado. Segundo dados do IBGE (Censo 2022), a cidade conta com uma população de 254.857 habitantes e sua densidade demográfica é de 227,17/km². Desse total, 16,6% pertencem à faixa etária de 0 a 14 anos, 70,1% à faixa dos 15 a 64 anos, e 13,4% à faixa dos 65 anos e mais. A distribuição do PIB municipal conta com 57,1% do setor de serviços, 27,2% da indústria, 14,5% de impostos líquidos de subsídios, e 1,21% do setor agropecuário. (SEADE) (Fig. 2).

A região da Vila São José congrega uma quantidade significativa de equipamentos e espaços públicos, entre os quais se destacam: UBS (Unidade Básica de Saúde) Vila São José, Corpo de Bombeiros, Praça 2 de julho, Praça Paulo Apolinário de Oliveira, Praça Arnold Schmidt, Complexo Esportivo “Zuzão”, CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) Helena Dornfeld, Escola Estadual Andreino Vieira (Ensino Fundamental), e Escola Estadual Esterina Placco (Ensino Médio), onde pela noite funciona a Fatec (Faculdade de Tecnologia) São Carlos.

1 Professora Doutora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo (IAU-USP).

2 Professora Adjunta do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (DCAm-UFSCar).

3 Professora Doutora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo (IAU-USP).

4 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo (IAU-USP).

5 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (DCAm-UFSCar).



Processo de Escuta Comunitária

Para compreender melhor a realidade do local, estabeleceu-se como meta, desenvolver um conjunto de escutas comunitárias junto à comunidade. Escutas comunitárias são processos de escuta ativa e qualificada dos participantes, com o objetivo de compreender suas necessidades, expectativas e demandas, para que as ações sejam mais efetivas e adequadas à realidade local. Esta metodologia envolve a criação de espaços de diálogo nos quais a comunidade pode expressar suas opiniões e participar na construção de soluções. As escutas comunitárias podem fortalecer os vínculos entre os membros do projeto, ampliar a cooperação popular, promover a participação ativa da população nas decisões e propostas de ações, promovendo um ambiente de confiança e colaboração (Tarachucky, 2023).

Desta forma, a primeira aproximação com a comunidade contou com a participação de moradores, lojistas, professores, entre outras pessoas envolvidas com a vida comunitária da região. Nesses encontros, foram colocadas questões sobre o envolvimento e o significado do bairro, e em seguida os participantes puderam apontar os aspectos que poderiam ser melhorados no bairro, permitindo a identificação das particularidades, usos e percepções de cada grupo envolvido (Fig. 3).

Como resultado, palavras como Vínculos, Lar, Cuidado, Carinho, Família, Memórias, Liberdade, Pertencimento, Infância, Estima, Comunidade, Criatividade, Incentivo, Histórias, Sustentabilidade, e Transformação foram registradas como associadas ao bairro, a partir da fala dos presentes. Ao mesmo tempo, quando instados a falar sobre as deficiências da região, foram apontados problemas viários e de mobilidade, de infraestrutura pública e inclusão.

As propostas

O primeiro projeto desenvolvido para a região foi estruturado a partir dos acessos às escolas, abrangendo três áreas distintas pertencentes a uma mesma quadra. Para essas áreas, foram elaboradas propostas voltadas à melhoria da segurança e da acessibilidade, além da definição de uma linguagem unificada de projeto, contemplando a identidade visual, o mobiliário e as técnicas construtivas adotadas.

Na área 1, foi proposta a criação de um espaço de estar junto ao portão de entrada e saída da escola de Ensino Fundamental I, onde os responsáveis aguardavam a saída das crianças em um local sem pavimentação e mobiliário urbano. A proposta consistia na criação de um piso de 15x15m e na instalação de bancos de concreto, planejados para serem pintados em futuras oficinas comunitárias. Na área 2, correspondente à saída da escola de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, observava-se um grande fluxo de estudantes ocupando as calçadas durante o período de saída, gerando situações de vulnerabilidade e insegurança para pedestres e veículos. Considerando que a faixa de estacionamento da via em questão era subutilizada, a proposta incluiu o alargamento da calçada por meio de pintura do piso, ampliando a área útil destinada aos pedestres, e contribuindo para a desaceleração dos veículos. Na área 3, a demanda por maior segurança nos horários de saída da Fatec, especialmente no período noturno, orientou o desenvolvimento do desenho de um alargamento destinado ao convívio, inspirado em soluções adotadas pelos chamados parklets, ocupando o espaço equivalente a duas vagas de estacionamento. Dada a necessidade do local ter uma travessia de pedestres mais segura, uma faixa elevada também foi proposta nesta área.

Todas as propostas foram pensadas com foco na redução de custos e no curto tempo de execução, além de privilegiar a participação comunitária, possibilitando que parte da intervenção fosse realizada por meio de oficinas comunitárias organizadas



e conduzidas pelos integrantes do projeto, em que a participação das comunidade escolar e moradores potencializasse o impacto da ação e o retorno para a qualidade da vivência nas áreas.

As intervenções abordaram a interface entre escola e espaço público, que se apresenta como um desafio, mas também como uma oportunidade de transformação. Para a criação dessas ações, foi essencial retomar o conceito central do projeto: a Cidade Educadora.

A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagens permanentes, espontaneamente. Mas a cidade pode ser “intencionalmente” educadora. Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa quando, além de suas funções tradicionais, ela exerce uma função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania (Freire, 1993; Gadotti, 2006). Nesse contexto, as políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento do potencial humano.

Ao falarmos em cidade educadora, reforçamos a concepção de reunir forças para instaurar a cidadania plena, compreendendo a participação como construção necessária para a tomada de decisões democráticas na construção e transformação da cidade. Moacir Gadotti afirma que a Cidade Educa quando “estabelece canais permanentes de participação, e incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade” (Gadotti, 2006).

O que se realizou

A consolidação da Área 1 da proposta materializou-se com a construção do piso e do mobiliário da praça localizada em frente à saída da EE Andreilino Vieira, espaço que posteriormente se tornou palco para a realização de diversas oficinas e atividades comunitárias. A primeira intervenção consistiu na pintura do piso e dos bancos, realizada após uma oficina de desenho destinada a compreender as ideias e expectativas dos alunos da escola para a nova configuração da praça. A partir disso, promoveu-se uma atividade de pintura aberta a estudantes do Ensino Médio, moradores e transeuntes interessados em participar.



Figura 4 - Área 1. Proposta: área de convivência para pais e alunos da EE Andreilino Vieira, com piso pavimentado, bancos, e integração com parquinho já existente. Fonte: dos autores, 2022. Figura 5 - Área 2. Proposta: passeio mais largo para caminhada e ocupação dos alunos da EE Esterina Placco, com pintura de piso e parede, e bancos de concreto para traffic calming. Fonte: dos autores, 2022. Figura 6 - Área 3. Proposta: parklet em frente à entrada da EE Esterina Placco (Fatec pela noite), com bancos, espaço de convivência ampliado, e nova faixa de pedestre. Fonte: dos autores, 2022.



Figura 10 - Pintura da pista de caminhada. Fonte: dos autores, 2022.

Ao longo do projeto, o local acolheu oficinas de diferentes naturezas. Foram promovidas atividades de plantio de mudas em parceria com a Secretaria Geral de Gestão Ambiental e Sustentabilidade e com o projeto social Farmácia Viva. Uma dessas ações, posteriormente conhecida como “horta comunitária”, respondeu à demanda de redução da velocidade em uma via privada de acesso ao estacionamento da UBS São José, onde foram posicionadas manilhas de concreto de acordo com a “linha de desejo” identificada no local.

Também foram realizados murais artísticos em parceria com o Instituto Janela Aberta e a participação dos artistas locais Anny Lemos e Japão, que pintaram mural na CEMEI Helena Dornfeld, trabalhando temas do currículo daquela instituição, e Washington Pastore, que pintou portões da Escola Estadual Esterina Placco. Além disso, promoveu-se uma oficina de pintura envolvendo alunos da escola, familiares e moradores, voltada à demarcação de um percurso de caminhada de um quilômetro ao redor do quarteirão da Área 1 e do Ginásio Zuzão, uma demanda inicial do grupo de moradores da Vila São José. Durante essa oficina, que se estendeu por dois finais de semana, instalou-se também uma intervenção com painéis interativos, em parceria com a OSC Cidade Ativa, com o objetivo de captar percepções dos moradores sobre a área e colher sugestões de ações futuras para o espaço e sua comunidade, a fim de obter indicadores do projeto e seus resultados (Fig. 7, 8, 9 e 10).

6 Imaginários e poéticas urbanas

Concomitantemente às intervenções arquitetônico-urbanísticas realizadas na Área 1, foi realizada uma série de oficinas criativas e práticas poéticas com alunos do ensino fundamental da escola E.E. Andreino Vieira, com o objetivo de estimular a observação crítica e a imaginação sobre o entorno urbano, utilizando metodologias lúdicas e intervenções efêmeras como ferramentas de reflexão.

O projeto de extensão Imaginar cidades outras: táticas e técnicas criativas como meio ao direito à cidade (2023–2025), vinculado à pesquisa Poiesis: apropriação e produção do espaço por meio da participação (IAU-USP), orientou essas propostas. Elas buscavam articular uma leitura do direito à cidade, na perspectiva de Lefebvre, com ênfase na imaginação, e explorar métodos de táticas urbanas. Em termos metodológicos, os conceitos teóricos de Henri Lefebvre (2008; 2016) nortearam investigações sobre

linguagens, mídias e técnicas visuais criativas, favorecendo a prática imaginativa. Complementarmente, A sobrevivência dos vagalumes (Didi-Huberman, 2011) e O ar e os sonhos (Bachelard, 2001) inspiraram as atividades, permitindo refletir sobre a dimensão dos imaginários e as possibilidades de transformação urbana por meio de imagens.

O percurso metodológico foi organizado em etapas progressivas, favorecendo a aproximação gradual das crianças com a realidade urbana. Inicialmente, foram realizadas rodas de conversa para estimular a expressão das percepções individuais e coletivas sobre o bairro, buscando compreender como os alunos se relacionam com o espaço urbano, identificando elementos de interesse e dificuldades em reconhecer ou questionar aspectos problemáticos do cotidiano.

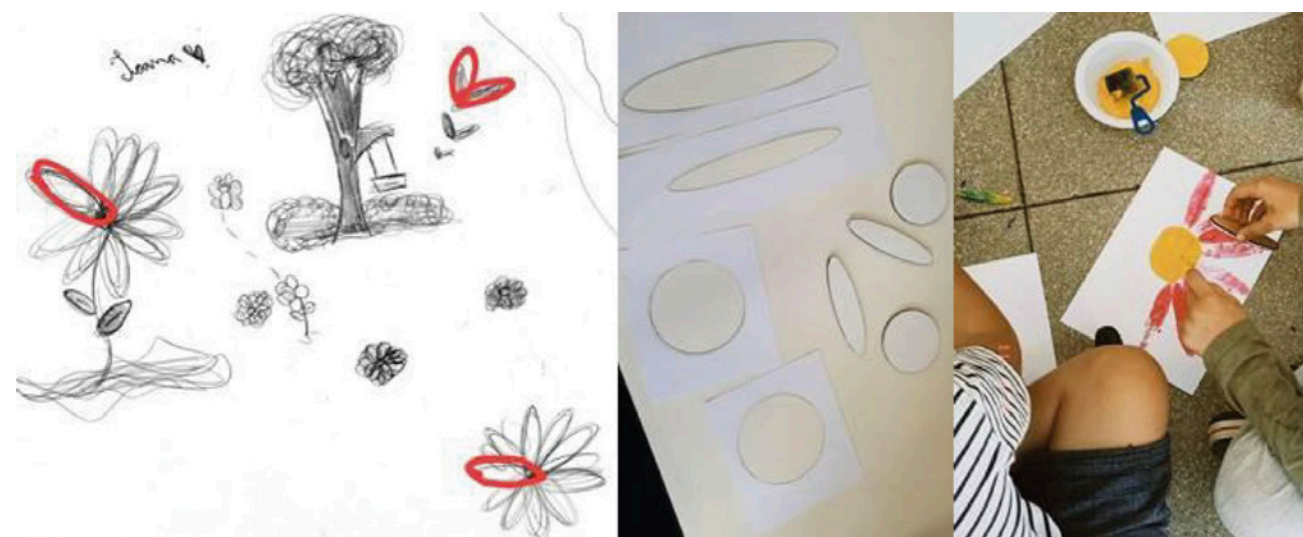
Em seguida, promoveram-se caminhadas exploratórias pelo entorno da escola, inspiradas nas leituras de Lefebvre sobre as múltiplas camadas do espaço urbano. Durante esse processo, realizou-se o mapeamento e a identificação de espaços urbanos vacantes em São Carlos-SP, compreendidos como potenciais campos de intervenção. Esses levantamentos possibilitaram correlacionar a base conceitual à experiência empírica, explorando alternativas criativas para “trazer à luz” esses espaços e revelar novas possibilidades de uso.

Complementarmente, oficinas de desenho captaram as percepções urbanas e os desejos das crianças em relação ao contexto urbano imediato à escola. Os resultados foram transformados em matrizes, por meio de processos de simplificação e síntese, que posteriormente serviram para a confecção de estênceis aplicados em jardins do projeto de extensão (Fig. 11,12 e 13).

Nas caminhadas urbanas seguintes, os alunos foram incentivados a observar criticamente aspectos específicos da paisagem — como calçadas, muros e espaços de permanência — utilizando elementos gráficos e lúdicos para demarcar o território, caracterizando uma prática de entendimento e apropriação do lugar (topos). Esse gesto configurou uma primeira forma de intervenção efêmera, capaz de tensionar o olhar dos estudantes e também dos transeuntes, deslocando para o campo da visibilidade questões geralmente naturalizadas (Fig. 14).

Por fim, foram realizadas atividades de caráter poético-interventivo, em que a reflexão foi convertida em ação simbólica. A confecção coletiva de flores de papel crepom e sua posterior instalação nos pontos críticos identificados nas caminhadas constituíram práticas inspiradas nas táticas urbanas e no trabalho do coletivo Poro. Além disso, a inserção de cartazes com a frase “Os vaga-lumes desapareceram todos ou eles sobrevivem apesar de tudo?”, em referência a Didi-Huberman, introduziu uma camada metafórica à intervenção, evocando resistência e imaginação como formas de habitar poético.

Assim como a metáfora dos vaga-lumes simboliza pequenas formas de resistência, sensibilidade estética e manifestações culturais minoritárias frente a forças opressoras, consumo massificado e homogeneização cultural (Didi-Huberman, 2011), essas práticas lúdicas e criativas podem ser interpretadas como micropolíticas: pequenas ações contra-hegemônicas manifestadas na palavra, na arte, na poesia e nas imagens fragmentadas. Segundo Bachelard (2001), a imaginação transforma a realidade em vez de apenas imitá-la ou representá-la, abrindo espaço para mundos possíveis (Fig. 15).



Figuras 11 - Processo de obtenção das matrizes a partir dos desenhos das próprias crianças e posterior atividade criativa com os moldes. Fonte: dos autores, 2024. Figura 12 - Crianças utilizando os módulos de desenho em oficina. Fonte: dos autores, 2024. Figuras 13 - Pintura das manilhas com as crianças por meio da técnica de estêncil, confeccionadas a partir dos módulos. Fonte: dos autores, 2024.



Dificuldades e reprogramação da proposta

No decorrer do projeto, uma série de dificuldades foram enfrentadas, e fizeram com que o projeto estabelecesse uma revisão das propostas, de acordo com os desafios enfrentados. No primeiro momento, após o desenho da proposta, encontramos a dificuldade em realizar as obras de reparo e nivelamento do calçamento público em torno das escolas. Após levantamento de buracos e avarias na calçada existente, compreendemos que seria inadequado realizar a pintura do calçamento nos moldes inicialmente planejados. Após uma série de tentativas de obter junto ao poder público municipal a realização da obra, o projeto redesenhou sua estratégia, e optamos por executar atividades de ação educativa, pinturas murais e somente uma marcação no piso para sugestão do circuito de caminhada. Os reparos nas calçadas não foram executados, e a comunidade de moradores ainda luta para que esta obra seja realizada.

Avaliação

Os painéis interativos desenvolvidos pela OSC Cidade Ativa, de São Paulo, foram utilizados para registrar a percepção dos moradores sobre a área de atuação e ideias de ações para serem feitas no espaço. Os dados obtidos nessa pesquisa foram organizados pela pesquisadora Bárbara Toma em seu Trabalho de Conclusão de Curso, e foi possível compreender mais sobre a percepção dos cidadãos frente ao bairro e ao Projeto Cidade que Educa.

A pesquisa revelou um perfil de participantes majoritariamente composto por adultos e crianças de 6 a 10 anos, sendo que a maioria reside no próprio bairro. O principal motivo para utilizar o espaço é o trajeto para a escola, e ao caminhar pelo local, a sensação



Figuras 15 - Flores e lambe-lambes confeccionadas durante a oficina implantados no contexto urbano. Foto: dos autores, 2025

predominante foi de “bem/feliz/tranquilo”. A praça é fortemente percebida como um local de brincar, sendo a atividade preferida das crianças (45%) e a razão pela qual quase metade dos adultos (47%) a utilizam (levando alguém para brincar). Olhando para o futuro, a comunidade expressou desejo de participação ativa na qualificação do espaço, com destaque para o interesse em colaborar com a escola e em melhorias no entorno.

Projeto Integrado de Inovação

Em parceria com o Departamento de Engenharia de Produção da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), a proposta do Projeto Integrado de Inovação em 2024 compreendeu o desenvolvimento de mobiliário para a praça, promovendo o diálogo entre estudantes de Arquitetura e Urbanismo, e Engenharia de Produção, por meio de tutoria concedida em encontros semanais entre alunos de ambos os cursos. O projeto articula diversas disciplinas do curso da EESC, e instigou os estudantes de engenharia a compreender as vivências e as necessidades de quem utiliza esse espaço, num processo de desenvolvimento de produtos que tradicionalmente acolhe variáveis ligados a potenciais consumidores, sem viés comunitário. A partir dessa escuta e do mapeamento realizado, os grupos desenvolveram propostas de mobiliário urbano especificamente para uma praça da região. Um dos projetos, que compreende bancos e espreguiçadeiras feitos a partir de cintos de segurança reutilizados, foi selecionado para ser desenvolvido, e já com protótipos executados, aguarda a adequação do piso da praça para a instalação (Fig. 16).

Estágio atual do projeto

Atualmente o projeto Cidade que Educa se encontra em fase de expansão, agora abrangendo também outras regiões da cidade. Os primeiros passos realizados na Vila São José, agora servem de inspiração e referência para aplicação da metodologia em outra região da cidade, como o bairro Cidade Aracy, onde as Escolas Municipais de Educação Básica Prof. Afonso Fioca Vitali (Centro de Atenção Integral à Criança - CAIC) e Ulysses Ferreira Picollo já receberam as primeiras oficinas de escuta com pais, estudantes e comunidade.



Figura 16 - Projeção da intervenção com bancos desenvolvidos pela parceria com EESC. Fonte: dos autores, 2022.

Neste novo contexto, a ênfase do projeto se volta ao trabalho em uma nova frente, uma região afastada do centro da cidade, com um conjunto grande de carências e desafios, desde a mobilidade até o investimento em infraestrutura urbana. Neste sentido, a demanda das escolas está centrada também nos estudantes, com neurodivergências e necessidades especiais, em atenção à proposta de inclusão social.

Conclusão

Cada vez mais as instituições de ensino se mostram como um ponto de ancoragem para o projeto, em dois aspectos. No primeiro, ligado à viabilização das ações, a importância dos projetos de extensão universitária, com o financiamento de bolsas e apoio em editais oriundos de iniciativas da USP e a UFSCar, por meio de alocação de recursos. No segundo, ligado à execução das ações, a relação com a comunidade escolar é potente, cria vínculos de identidade e pertencimento, e mantém ativa as ações do projeto, uma vez que a colaboração das direções das escolas, dos professores, e dos pais e responsáveis constroem o público participante nas ações educativas.

O projeto mantém constante o trabalho de tratativas com o poder público, seja por meio do apoio por vereadores e bancadas da câmara municipal, ou em reuniões específicas com diretores e secretários municipais. Essa articulação constante não só garante recursos para a realização das intervenções, mas também viabiliza a legalidade e a viabilidade do projeto a longo prazo, bem como visa implementar na visão da administração pública os ideais do projeto.

No seu desenvolvimento, o projeto Cidade que Educa empenha-se na criação de alianças e pontes, estabelecendo diálogos, num processo que, tanto em sua prática quanto em seus objetivos, procura construir uma Cidade Educadora.

Referências

- BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FREIRE, P. Educação permanente e a cidade educativa. In: FREIRE, P.. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. *Cadernos Cenpec: educação, cultura e ação comunitária*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 133–139, jan./jun. 2006.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2016.
- TARACHUCKY, L. *LabIC Pela Cidade: guia de implementação de oficinas de escuta comunitária*. Jaraguá do Sul: Associação do Centro de Inovação Jaraguá do Sul, 2023.